

## CAUDILHISMO E CLIENTELISMO NA AMÉRICA LATINA: UMA DISCUSSÃO CONCEITUAL

Luciano Everton Costa Teles\*

**Resumo:** o presente artigo tem como finalidade discutir os conceitos de caudilhismo, destacando seus elementos de renovação conceitual e historiográfica, e de clientelismo, apresentando as bases de sua formação e suas características. Procura demonstrar que esses avanços conceituais contribuíram para uma abertura de novas temáticas, abordagens metodológicas e interpretativas.

**Palavras-chave:** Caudilhismo, Clientelismo, Discussão Conceitual.

## CAUDILHISM AND CLIENTELISM IN LATIN AMERICA: A CONCEPTUAL DISCUSSION.

**Abstract:** this article aims to discuss the concepts of warlordism, highlighting its elements of conceptual and historiographical renewal, and patronage, presenting the foundations of its formation and its characteristics. Seeks to show that these conceptual advances have contributed to opening new thematic, methodological and interpretative approaches.

**Keywords:** Warlordism, clientelism, Conceptual Discussion.

### Considerações iniciais

Nos últimos anos, em especial na historiografia argentina, o conceito de caudilhismo foi alvo de uma significativa renovação no que tange as temáticas, as abordagens metodológicas e interpretativas. Tal renovação contribuiu para alargar as possibilidades de reflexão acerca desse fenômeno histórico, incorporando novas dimensões antes secundarizadas ou negligenciadas.

---

\* Doutorando em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor Assistente da Universidade do Estado do Amazonas/CEST. Bolsista FAPEAM (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas). E-mail: lucianoeverton777@hotmail.com

Da mesma forma, o conceito de clientelismo, embora bastante utilizado na historiografia latino-americana como um todo, em alguns momentos foi associado ao caudilhismo como sendo o seu definidor, ou seja, caudilhismo como um tipo de clientelismo, o que também foi revisitado.

Com efeito, embora o conceito de clientelismo seja perscrutado, o objetivo central deste artigo consiste em discutir esses dois conceitos, destacando os elementos de renovação conceitual e historiográfica do caudilhismo e as bases e características do clientelismo.

Cabe assinalar também que o texto procura demonstrar que esses avanços conceituais contribuíram para uma abertura de novas temáticas, abordagens metodológicas e interpretativas.

### **Caudilhismo: renovação conceitual**

Surgiu, nas últimas décadas, uma insatisfação intensa sobre as visões tradicionais e clássicas da historiografia latino-americana, em especial argentina, sobre o caudilhismo e as explicações históricas que elas engendraram acerca da política e da sociedade no período de pós-independência.

A insatisfação se assentava nas questões centrais dessa historiografia clássica que simplificava, reduzia ou estereotipava o caudilhismo. Chamados de componentes principais do caudilhismo clássico, a ruralização do poder, a violência como forma de competência política e a ideia de vazio institucional sustentavam as explicações sobre este fenômeno histórico.<sup>1</sup>

Seu expoente maior foi Domingo Faustino Sarmiento<sup>2</sup> que se tornou, na época, uma das principais referências sobre o caudilhismo. Sua obra partia da dicotomia barbárie-civilização, da oposição entre rural-urbano, situando o caudilho no mundo rural e caracterizando-o como um rústico que lançava mão de um poder despótico que se

---

<sup>1</sup> GOLDMAN, Noemi, SALVATORE, Ricardo. *Caudillismos rioplatenses: nuevas miradas a un viejo problema*. Buenos Aires: Eudeba, 1998, p. 8.

<sup>2</sup> SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo*. Buenos Aires, 1979.

originou no processo de luta pela independência. Tal processo contribuiu para a emergência do caudilho como chefe de um poder local, provincial, que se colocou na contraposição de um poder central, produzindo conflitos.

La revolución de 1810 tenía para Sarmiento dos fases, la primera, centrada en el enfrentamiento entre las ciudades y los españoles, y la segunda, en el de los caudillos contra las ciudades animados por el ódio a la civilización. Para Sarmiento, la figura del caudillo, (...) Quiroga, (...) encarnaba la barbárie y era produto, a su vez, de las peculiaridades del territorio y de su historia específica.<sup>3</sup>

Portanto, Sarmiento associava a história e a figura do caudilho ao mundo rural, apontando a barbárie como um ingrediente desse mundo e universo.

Já Alberdi<sup>4</sup> explicou a emergência do caudilho e seu governo como fruto da ausência da autoridade central, qualificando o poder fragmentado dos diversos caudilhos como uma espécie de anarquia.

Neste sentido, Goldman e Salvatore assinalaram que a obra de Alberdi destacava que na “base de este vacío institucional estaba la “anarquia”, es decir, la fragmentación política de la nación bajo la engañosa apariencia de una ‘federación’.”<sup>5</sup>

Nesses dois autores (Sarmiento e Alberdi) percebe-se com clareza a presença dos três elementos – a ruralização do poder, a violência como forma de competência política e a ideia de vázio institucional – que compõem a linha interpretativa clássica do caudilhismo.

Porém, outras obras abordaram a temática do caudilhismo por outros ângulos. Duas são importantes pelo fato de suas interpretações terem sido alvos de crítica, revisão e superação.

A primeira esteve ligada ao que Goldman e Salvatore chamaram de “ensayística positivista”. Para os autores havia um programa (o positivismo) e uma preocupação comuns de novas disciplinas<sup>6</sup> que tinham interesse na “psicologia das multidões”.

<sup>3</sup> BUCHBINDER, Pablo. Caudillos y Caudillismo: una perspectiva historiográfica. In: GOLDMAN, Noemi, SALVATORE, Ricardo. *Caudillismos rioplatenses: nuevas miradas a un viejo problema*. Buenos Aires: Eudeba, 1998, p. 33.

<sup>4</sup> ALBERDI, Juan Bautista. Palabras de un ausente. In: *Obras completas de Juan Batista Alberdi*. Buenos Aires. La Tribuna Nacional, 1887, Tomo VII.

<sup>5</sup> GOLDMAN, Noemi, SALVATORE, Ricardo. *Caudillismos rio-platenses...* Op. Cit., p. 9.

El problema del “caudillismo” se desplaza así del mundo de las emociones y las costumbres – la barbárie – al território de la psiquis colectiva y de la herencia.

(...)

La ciência – en este caso, la medicina psiquiátrica – guarda las claves para interpretar problemas de liderazgo político: el porqué de los excesos de Rosas, la razones de su popularidade entre las massas y la incapacidad de la sociedade civil por rebelarse a su tiranía. Rosas aparece como un “loco moral”. Las massas, exaltadas em sus sentimientos por la emoción y el contagio, lo siguen...<sup>7</sup>

Nesta perspectiva, o caudilho aparecia como uma liderança política que impactava sentimental e emocionalmente “as massas” que o seguia incondicionalmente, apaixonadamente. Era a “irracionalidade das massas” ou “das multidões”. Nesta linha, as massas eram passivas e manipuladas pela liderança política, o caudilho.

Criticando os principais componentes do conceito de caudilhismo presentes na historiografia clássica, os novos estudos acerca desse velho tema não somente apresentaram as limitações desses componentes como também renovaram o conceito.

Uma primeira crítica que surgiu se direcionou a ideia de vazio institucional. Estudos recentes<sup>8</sup> demonstraram, com uma base empírica significativa, que um dos aspectos importantes, e que envolvia a própria legitimidade do poder do caudilho em sua província, referia-se a um conjunto de instituições e relações formais que foram criadas e absorvidas com o objetivo de fortalecer o caudilho no jogo político provincial.

Neste sentido, os funcionários da administração e magistrados nas províncias sofriam influências do caudilho. A estrutura política-administrativa provincial era posta, de certa forma, a serviço do chefe local. Para demonstrar esse processo, Ariel de La Fuente destacou, por exemplo, que Chacho, no bojo de questões judiciais, exercia fortemente sua influencia sobre os magistrados provinciais:

---

<sup>6</sup> Psicologia, Sociologia, Antropologia Criminal, etc.

<sup>7</sup> GOLDMAN, Noemi, SALVATORE, Ricardo. *Caudillismos rio-platenses...* Op. Cit., p. 11.

<sup>8</sup> Boa parte dos resultados desses estudos acabou compondo uma coletânea de artigos que teve como contribuição fundamental o lançamento de novos olhares sobre o caudilhismo. Ver GOLDMAN, Noemi, SALVATORE, Ricardo. *Caudillismos rio-platenses...* Op. Cit.

Chacho había puesto a disposición del zapatero la influencia y el poder que tenía entre los magistrados y los funcionarios de la administración provincial. Más tarde, um labrador diría que “sabe que el General lo protege al dicho Sosa”.<sup>9</sup>

Outra situação que acabou demonstrando a presença institucional e de relações formais nas regiões provinciais foi à criação e atuação da Guarda Nacional.<sup>10</sup> As milícias, que existiram nos períodos coloniais, atuaram e atravessaram o contexto latino-americano de luta pela independência, sendo transformadas, no processo de construção do Estado Nacional, em Guarda Nacional.<sup>11</sup>

Em grande medida, os comandantes militares da Guarda Nacional eram antigos chefes de milícias e que tinham uma relação de poder significativa a nível local, provincial. Esses chefes militares, quando não eram caudilhos, eram por estes pressionados no sentido de disponibilizar essa força militar aos seus anseios, inclusive submetendo-a ao jogo de interesses clientelares. Os comandantes eram peças-chave nas articulações políticas das províncias.

O clientelismo, como cultura política fundamentada em relações pessoais e alicerçada em trocas de favores, protagonizada por algum sujeito que detém o poder e concede a outrem quaisquer tipos de proteção/auxílio, para receber em troca fidelidades, apoios políticos e lealdades pessoais, esteve imbricada nos meandros da Guarda Nacional, principalmente no tocante ao recrutamento e às Juntas de Qualificação. (...) Guarda Nacional era um dos principais veículos da política clientelista.<sup>12</sup>

O recrutamento e a qualificação eram instrumentos de poder político, econômico e social utilizados como meios para ampliar a rede clientelar.

---

<sup>9</sup> FUENTE, Ariel de la. *Los hijos de Facundo: caudillos y montoneras en la provincia de La Rioja durante el proceso de formación del estado nacional argentino*. Buenos Aires: Prometeo libros, 2007, p. 141.

<sup>10</sup> Guarda Nacional que foi criada tanto no Brasil como na Argentina e que teve relevante papel tanto na política como nas guerras no século XIX. Ver CANCIANI, Leonardo; MUGGE, Miquéias. *As Guardas Nacionais e seus comandantes – um ensaio comparativo: as províncias de Buenos Aires e do Rio Grande do Sul (século XIX)*. In: COMISSOLI, Adriano; MUGGE, Miquéias. *Homens e Armas: recrutamento militar no Brasil, século XIX*. São Leopoldo: Oikos, 2011, p. 169-205.

<sup>11</sup> Ver COMISSOLI, Adriano; MUGGE, Miquéias. *Homens e Armas: recrutamento militar no Brasil, século XIX*. São Leopoldo: Oikos, 2011.

<sup>12</sup> Idem, p. 193.

Portanto, como esses dois exemplos revelam (Justiça e Guarda Nacional), é possível falar em debilidade institucional do Estado Nacional nas regiões de fronteira <sup>13</sup>, mas não em vazio institucional.

Uma segunda crítica que emergiu dirigiu-se a dicotomia rural-urbano (barbárie-civilização), ou seja, ao caudilho como resultado da ruralização/militarização do poder e imerso na barbárie. Não obstante, novas pesquisas <sup>14</sup> têm asseverado que a organização de uma estrutura militar se apoiou em uma rede hierárquica e territorial que se caracterizou como urbana e rural ao mesmo tempo.

Retomando a Guarda Nacional, os comandantes militares, no processo de construção dos Estados autônomos provinciais quando da incorporação da vida política – voto, eleições, etc.- no interior do contexto de formação dos Estados Nacionais, converteram-se em intermediários entre um grupo significativo - os chefes dos regimentos, os integrantes da tropa, os caciques das parcialidades indígenas da zona de fronteira - e o Estado. <sup>15</sup>

Nesta esteira, muitos caudilhos não somente extrapolaram os limites do campo como também se inseriram na dinâmica das cidades, atuando sobre as mesmas.

La política en las áreas rurales no fue una actividad monopolizada por las elites locales, como demuestran claramente los heterogêneos antecedentes sociales de los rebeldes en general y de los líderes en particular. En La Rioja, en la década de 1860, las identidades partidárias implicaban experiencias que se habían ido desarrollando a lo largo de diversos períodos de tiempo, y reflejaban procesos en distintos niveles: local, nacional e internacional. <sup>16</sup>

Estas dimensões – local, nacional e internacional – revelaram as articulações e as atuações dos caudilhos em espaços para além do rural, o que levou a crer que as relações então estabelecidas pelo caudilho ultrapassaram o simples uso da violência como competência política.

---

<sup>13</sup> La debilidad de los Estados provinciales y la conseguinte falta de um Poder Judicial independiente eran comunes em el interior... FUENTE, Ariel de la. *Los hijos de Facundo...* Op. Cit., p. 46.

<sup>14</sup> Em especial a de GOLDMAN, Noemí. Legalidad y legitimidade en el caudillismo: Juan Facundo Quiroga y la Rioja en el Interior rioplatense (1810-1835). *Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana Dr. Emilio Ravignani*, n. 7, 3ª série, 1º semestre de 1993, p. 31-58.

<sup>15</sup> CANCIANI, Leonardo; MUGGE, Miquéias. As Guardas Nacionais e seus comandantes... Op. Cit., p. 194.

<sup>16</sup> FUENTE, Ariel de la. *Los hijos de Facundo...* Op. Cit., p. 24.

Neste ponto residiu a contribuição do estudo de Ricardo Salvatore<sup>17</sup> que assinalou, focando o regime rosista, as autorepresentações produzidas e materializadas em discursos e rituais – como, por exemplo, nas festas maias e julianas, quermesse de judas na Páscoa, nas variadas festas de homenagens a Rosas, etc. –, colocando em relevo a importância desta dimensão. Neste sentido,

El poder del caudillo deja de verse como una aberración histórica produto de um pueblo inmaduro y de líderes violentos y sedientos de poder, y pasa a considerarse como un proceso de construcción de poder social y político, em coyunturas históricas particulares, la cuestión de la representación de estos movimientos en el ámbito del discurso, los rituales cívicos, las festividades populares y la vida cotidiana...<sup>18</sup>

Em suma, podem-se sintetizar as contribuições de uma historiografia recente sobre o conceito de caudilhismo, em contraponto com os componentes da análise clássica, por meio do quadro abaixo:

**QUADRO 1**

<b>Conceito caudilhismo (Clássico)</b>	<b>Conceito caudilhismo (Contribuições recentes)</b>
Ruralização do poder – base da dicotomia rural/urbano; barbarie/civilização.	Interação entre rural e urbano – o poder do caudilho construído por meio de relações e articulações nos níveis local, nacional e internacional.
Violência como competência política – base estrita do poder do caudilho.	Configuração do poder do caudilho a partir de uma base discursiva e ritual – a construção do poder social e político em conjunturas históricas específicas por meio do discurso político.
Ideia de vazio institucional – inexistência de instituições do governo central nas	Presença de uma estrutura político-administrativa na província – instituições

<sup>17</sup> SALVATORE, Ricardo. Fiestas federales: representaciones de la república en el Buenos Aires rosista. *En Entrepasados*. Ano VI, n. 11, fines de 1996, p. 45-68.

<sup>18</sup> GOLDMAN, Noemi, SALVATORE, Ricardo. *Caudillismos rio-platenses...* Op. Cit., p. 20.

províncias.	e relações formais existentes, embora débeis.
Caudilhismo como um tipo de clientelismo – sociedade construída por meio de relações patrão-cliente (proprietários de terras e peões).	Clientelismo como uma das muitas características do caudilhismo – sociedade estratificada com relações complexas de negociação entre patrão e cliente (grandes, médios e pequenos proprietários de terras, comandantes militares, criadores de gado, comerciantes, peões, lavradores, agricultores, etc.).

Fonte: GOLDMAN, Noemi, SALVATORE, Ricardo. *Caudillismos rioplatenses: nuevas miradas a un viejo problema*. Buenos Aires: Eudeba, 1998.

Por meio desse quadro é possível identificar os pontos de renovação do conceito de caudilhismo. Esta renovação foi, e ainda é, responsável por uma abertura de temáticas, abordagens metodológicas e interpretativas, como se buscou, grosso modo, demonstrar.

### A relação patrão-cliente: o clientelismo

O clientelismo já foi alvo de discussões e polêmicas <sup>19</sup>, portanto falar sobre ele não é tarefa fácil. Não obstante, a relação patrão-cliente surge de um vínculo direto envolvendo dois indivíduos. Denota uma ligação pessoal entre pessoas com riqueza, poder e status diferentes. Neste sentido, trata-se de uma relação vertical onde “um tem muito mais riqueza que o outro”. <sup>20</sup>

<sup>19</sup> Ver CARVALHO, José Murilo de. Mandonismo, coronelismo, clientelismo: uma discussão conceitual. In: *Pontos e Bordados: Escritos de História e Política*. BH: Editora da UFMG, 1999.

<sup>20</sup> LANDÉ, Carl. A base diádica do clientelismo. In: SCHIMIDT; S. W. et. Al. (eds.). *Friends, followers and factions*. Berkeley: University of Califórnia Press, 1977, p. 7.



Com efeito, esta ligação se assenta na busca, pelo cliente, de proteção política e econômica, em troca de sua disponibilidade para atender ao patrão em termos de fornecimento de sua mão de obra, serviços subsidiários e lealdade.

Um exemplo desses vínculos encontra-se nas reflexões de James Scott.<sup>21</sup> O autor se limitou exclusivamente ao clientelismo nas relações de classe agrária no Antigo Regime europeu, portanto nas relações entre proprietários de terra e arrendatários. Segundo o autor, a relação patrão-cliente nesse contexto agrário se estabeleceu pela desigualdade de riqueza, poder e status.

Em primer lugar, patrono y cliente no son iguales. La base del intercambio entre ambos se origina y refleja en la disparidad de su riqueza, poder y status relativos. El patrono está generalmente en la posición de suministrar unilateralmente bienes y servicios que el cliente potencial y su familia necesitan para su supervivencia y bienestar.

(...)

El segundo rasgo distintivo de las diádes patrono-cliente es su carácter difuso, cara a cara, personal, por oposición a la condición explícita de los contratos impersonales o de las relaciones formales de autoridad. Es este carácter difuso y este amplio margen de reciprocidad lo que constituye quizás la cualidad más fuertemente tradicional de los vínculos patrono-cliente.<sup>22</sup>

Essa reciprocidade se materializa numa relação onde o patrão disponibiliza ao cliente os meios básicos de subsistência, além de um seguro de subsistência contra as crises, proteção<sup>23</sup>, mediação e influência.<sup>24</sup> Por outro lado, o cliente fornece ao patrão mão de obra, trabalhos e bens suplementares e a promoção dos interesses de seu patrão.

Para Scott existe um equilíbrio nessa relação, pautada pela norma da reciprocidade.

La necesidad de reciprocidad es en gran parte inherente al ciclo agrario y cerimonial. Lo que interesa resaltar para nuestro propósito es que la norma de intercambios equivalentes e comparables, base de nuestra noción de legitimidad en los intercambios patrono-cliente, es, al mismo tiempo, um

<sup>21</sup> SCOTT, James. Patronazgo, o explotación? In: GELLNER, Ernest et al. *Patronos y Clientes en las sociedades mediterráneas*. Barcelona: Jucar Universidad, 1986.

<sup>22</sup> Idem, p. 37.

<sup>23</sup> Nesse caso, necessidade de proteção privada, contra bandidos e inimigos pessoais, e pública, contra soldados, funcionários, etc.

<sup>24</sup> Patrão usando seu poder e sua influência para arrancar benefícios externos em favor de seus clientes, até mesmo para aumentá-los.

sentimiento moral ampliamente compartido que pertenece a la “pequeña tradición”.<sup>25</sup>

Com efeito, a legitimidade desse “sistema” está intimamente ligada, segundo Scott, a ideia de “direitos mínimos” assegurados pelo patrão ao cliente. A noção de reciprocidade absorve esses direitos que uma vez não assegurados produz um processo de desgaste e desarticulação desse sistema.<sup>26</sup>

Outro estudo que absorve as discussões acerca dessa relação patrão-cliente foi promovido por Tiago Gil.<sup>27</sup> Para o autor, o bando comandado por Rafael Pinto Bandeira, que possuía negócios ilícitos na fronteira do Rio Grande, era formado por pessoas de diferentes estratos sociais ligadas numa perspectiva vertical.

Portanto, o bando comportava homens importantes do governo e do império português, que eram incorporados via casamento, mas também segmentos sociais mais baixos como pequenos lavradores, marinheiros e peões de condução de animais que eram inseridos no bando por meio de relações de reciprocidade estabelecidas.

Rafael Pinto Bandeira poderia ser encarado como líder de um poderoso bando. Bando aqui significa uma organização de pessoas de diferentes estratos sociais, associadas através de diversos vínculos, especialmente de parentesco e de reciprocidade. Nesse sentido era (...) uma organização vertical o interior da sociedade, englobando desde escravos até chefes das melhores famílias da terra.<sup>28</sup>

Com efeito, o autor destaca a reciprocidade como um pilar importante da relação patrão-cliente e, portanto, da própria permanência e ampliação da rede clientelar de Rafael Pinto Bandeira. Neste ponto, alguns elementos como as contrapartidas de guerra – como invadir território inimigo em busca de gado para ser dividido entre o bando (arrear), as promoções militares –, a proteção dada por Rafael aos seus clientes, a distribuição de terras eram fundamentais.

---

<sup>25</sup> SCOTT, James. *Patronazgo, o explotación?... Op., Cit., p. 43-44.*

<sup>26</sup> O que acaba fazendo emergir numerosas agitações e revoltas camponesas, por exemplo.

<sup>27</sup> GIL, Tiago. *Infíes Transgressores: elites e contrabandistas nas fronteiras do Rio Grande e do Rio Pardo (1760-1810)*. Dissertação de Mestrado: PPG em História Social da UFRJ, 2003.

<sup>28</sup> Idem, p. 128.

O autor também aponta que o bando comandado por Rafael era um importante aliado da Coroa Portuguesa na proteção e manutenção das possessões ao sul da América portuguesa. Ele era visto como “alguém capaz de mobilizar seus recursos para a defesa dos interesses da Coroa”<sup>29</sup>, revelando uma relação existente entre bando, poder local e império pautada em negociações e conflitos.

Na vigência do Império também é possível perceber como as relações clientelísticas estavam presentes. Exemplo disso eram as relações que os comandantes da Guarda Nacional estabeleciam com o governo central, regional e local. Tais comandantes mobilizavam pessoas usando seus cabedais para estabelecer suas redes clientelares que eram operacionalizadas quando necessário.<sup>30</sup>

Enfim, para falar da relação patrão-cliente alguns elementos são essenciais como o vínculo direto, a ligação pessoal entre duas pessoas de poder, riqueza e status diferentes, onde o cliente busca proteção pessoal, política e econômica em troca de sua mão de obra, trabalho e demais atividades disponibilizados ao patrão, numa relação assentada na reciprocidade.<sup>31</sup>

Nesse processo, dependendo do poder e da riqueza do patrão sua rede clientelar pode ser maior ou menor, porém cabe destacar que é uma rede dinâmica, com permanências e alterações que se movimentam conforme o contexto e os interesses em jogo. Nesse movimento, é possível a incorporação de mais clientes ou o rompimento dessas relações. Além disso, essas relações formam conjuntos escalonados que também sofrem alterações, como demonstrou Tiago Gil ao elaborar uma representação gráfica da rede de Rafael Pinto Bandeira ao longo da década de 1770 e de 1780, o que demonstrou a ampliação da rede de Rafael ao longo de 10 anos.<sup>32</sup>

---

<sup>29</sup> Idem, p. 157.

<sup>30</sup> CANCIANI, Leonardo; MUGGE, Miquéias. As Guardas Nacionais e seus comandantes – um ensaio comparativo: as províncias de Buenos Aires e do Rio Grande do Sul (século XIX). In: COMISSOLI, Adriano; MUGGE, Miquéias. *Homens e Armas: recrutamento militar no Brasil, século XIX*. São Leopoldo: Oikos, 2011, p. 169-205; FARINATTI, Luís A. Cabedais militares: os recursos sociais dos potentados da fronteira meridional (1801-1845). In: POSSAMAI, Paulo. *Gente de guerra e fronteira: Estudos de história militar do Rio Grande do Sul*. Pelotas: UFPel, 2010, p. 81-97.

<sup>31</sup> Importante destacar que o patrão que possuía muitos clientes tinha uma relação diferenciada com cada um, de modo que o mais próximo, ou visto como tal pelo patrão, tinha maior oportunidade de ganhos materiais e de proteção, o que reforça trocas de favores diferenciadas.

<sup>32</sup> GIL, Tiago. *Infieles Transgressores...* Op. Cit., p. 150 e 152.

Outro ponto importante diz respeito a determinadas relações estabelecidas por grupos de pessoas que conectam comunidades e localidades ao mundo mais amplo, externo, conhecidas como intermediários. Esses intermediários “devem servir a alguns dos interesses de grupos atuantes tanto e nível comunitário como nacional e devem dar conta dos conflitos provocados pela colisão desses interesses”.<sup>33</sup>

O foco nesses intermediários é significativo para esclarecer as formas como as localidades se inserem e se integram num sistema maior, ou seja, como esses intermediários atuam nessa ligação do local ao nacional, por exemplo. Estudos recentes têm absorvido essas questões.<sup>34</sup>

### **Considerações finais: caudilhismo e clientelismo**

Num primeiro momento cabe apontar que a relação patrão-cliente foi utilizada de forma absoluta para caracterizar, por exemplo, aspectos ligados a práticas políticas no interior de determinados contextos.

Um exemplo disso é a obra de Richard Graham, *Clientelismo e política no Brasil do século XIX*, onde o autor assevera que o “clientelismo constituía a trama de ligação da política no Brasil do século XIX e sustentava virtualmente todo o ato político”.<sup>35</sup>

Em que pese à importância da obra de Graham – em especial a sua análise de como a concessão de proteção, cargos oficiais e outros favores, em troca de lealdade política e pessoal, funcionava para beneficiar os interesses dos ricos – não se pode negar o peso de tal afirmação, ao tomar o clientelismo como absoluto, vendo todo o comportamento e trama política do século XIX pautados nele.

---

<sup>33</sup> WOLF, Eric. Aspectos das relações de grupos em uma sociedade complexa: México. In: FELDMAN-BIANCO, Bela; RIBEIRO, Gustavo Lins (Orgs.). *Antropologia e poder: contribuições de Eric R. Wolf*. Brasília: Ed. da UnB; São Paulo: Ed. Unicamp, 2003, p. 88.

<sup>34</sup> VARGAS, Jonas. As duas faces do coronel Valença: família, poder local e mediação política em Santa Maria (1850-1870). In: WEBER, Beatriz; RIBEIRO, José Iran (Org.). *Nova História de Santa Maria: contribuições recentes*. Santa Maria: Câmara Municipal de Santa Maria, 2010, p. 287-320.

<sup>35</sup> GRAHAM, Richard. *Clientelismo e política no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997, p. 15.

Não se pode negar que no decorrer do século XIX, no campo político, o clientelismo esteve presente, porém, como demonstra José Murilo de Carvalho, alguns projetos políticos que emanavam da elite política do Império contrariavam os interesses acomodados sob o manto do clientelismo, perturbando-o, em especial quando a estrutura do Estado se expandia para a periferia do sistema.<sup>36</sup>

Carvalho demonstra isso ao apresentar um Estado com projetos próprios (de interesse tido como nacional), como exemplo cita a lei de terras e os impostos, e o impacto de sua implantação na localidade, em especial com o poder local, o que gerava conflitos e perturbava “a ordem clientelística”.<sup>37</sup> Esta assertiva desmonta a frase de Graham de que o clientelismo sustentava virtualmente todo o ato político.

Outra questão se refere ao caudilhismo como sendo uma forma de clientelismo, ou seja, as práticas clientelísticas em movimento produzindo o caudilhismo.

Como se viu anteriormente, o conceito de caudilhismo, ao ser revisto, foi ampliado incorporando uma série de variáveis – interação rural-urbano, base discursiva e ritualística, presença de uma estrutura político-administrativa na província e o clientelismo como uma das muitas características do caudilhismo – que devem ser observadas.

Portanto, o clientelismo é uma característica presente no caudilhismo, onde havia uma sociedade estratificada com relações complexas de negociação entre patrão e cliente (grandes, médios e pequenos proprietários de terras, comandantes militares, criadores de gado, comerciantes, peões, lavradores, agricultores, etc.).

A potencialidade dos conceitos de caudilhismo e clientelismo se revela em dois sentidos: 1) inserindo-os dentro de um contexto e identificando as variáveis que o cercam e 2) estabelecendo uma relação onde o clientelismo é uma característica, muitas vezes forte, de um conjunto de práticas presentes no campo político.

---

<sup>36</sup> Existe aqui um argumento que identifica o avanço das relações pessoais, em especial patrão-cliente, em regiões onde a presença do Estado é incipiente, de modo que quando essa presença começa a se expandir e consolidar essas relações pessoais acabam perdendo força.

<sup>37</sup> CARVALHO, José Murilo de. *A Construção da Ordem: a elite política imperial e Teatro de Sombras: a política Imperial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 143-168; 261-290.

## Referências Bibliográficas

ALBERDI, Juan Bautista. Palabras de un ausente. In: *Obras completas de Juan Batista Alberdi*. Buenos Aires. La Tribuna Nacional, 1887, Tomo VII.

BECHIS, Martha. Fuerzas indígenas en la política criolla del siglo XIX. In: GOLDMAN, Noemí; SALVATORE, Ricardo (Org.). *Caudillismos rioplatenses: nuevas miradas a un viejo problema*. Buenos Aires: Eudeba, 1998, p. 293-318.

BUCHBINDER, Pablo. Caudillos y caudillismo: una perspectiva historiográfica. In: GOLDMAN, Noemí; SALVATORE, Ricardo (Org.). *Caudillismos rioplatenses: nuevas miradas a un viejo problema*. Buenos Aires: Eudeba, 1998, p. 31-50.

CANCIANI, Leonardo; MUGGE, Miquéias. As Guardas Nacionais e seus comandantes – um ensaio comparativo: as províncias de Buenos Aires e do Rio Grande do Sul (século XIX). In: COMISSOLI, Adriano; MUGGE, Miquéias. *Homens e Armas: recrutamento militar no Brasil, século XIX*. São Leopoldo: Oikos, 2011, p. 169-205.

CARVALHO, José Murilo de. *A Construção da Ordem: a elite política imperial e Teatro de Sombras: a política Imperial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARVALHO, José Murilo de. Mandonismo, coronelismo, clientelismo: uma discussão conceitual. In: *Pontos e Bordados: Escritos de História e Política*. BH: Editora da UFMG, 1999.

COMISSOLI, Adriano; MUGGE, Miquéias. *Homens e Armas: recrutamento militar no Brasil, século XIX*. São Leopoldo: Oikos, 2011.

FARINATTI, Luís A. Cabedais militares: os recursos sociais dos potentados da fronteira meridional (1801-1845). In: POSSAMAI, Paulo. *Gente de guerra e fronteira: Estudos de história militar do Rio Grande do Sul*. Pelotas: UFPel, 2010, p. 81-97.

FARINATTI, Luís Augusto. A espada e a capela: relações de compadrio dos oficiais de milícia na fronteira meridional do Brasil (1816-1835). *História Unisinos*, v. 16 (3), set/dez, 2012, p. 294-306.

FUENTE, Ariel de la. *Los hijos de Facundo: caudillos y montoneras en la Provincia de La Rioja durante el proceso de formación del Estado Nacional Argentino (1853-1870)*. Buenos Aires: Prometeo libros, 2007.

GIL, Tiago. *Infiés Transgressores: elites e contrabandistas nas fronteiras do Rio Grande e do Rio Pardo (1760-1810)*. Dissertação de Mestrado: PPG em História Social da UFRJ, 2003.

GOLDMAN, Noemí. Legalidad y legitimidade en el caudillismo: Juan Facundo Quiroga y la Rioja en el Interior rioplatense (1810-1835). *Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana Dr. Emilio Ravignani*, n. 7, 3º série, 1º semestre de 1993, p. 31-58.

GOLDMAN, Noemí; SALVATORE, Ricardo. Introducción. In: *Caudillismos rioplatenses: nuevas miradas a un viejo problema*. Buenos Aires: Eudeba, 1998, p. 7-29.  
GRAHAM, Richard. *Clientelismo e Política no Brasil do Século XIX*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

LANDÉ, Carl H. A Base Diádica do Clientelismo. In: SCHIMIDT; S. W. et. Al. (eds.). *Friends, followers and factions*. Berkeley: University of Califórnia Press, 1977, p. xiii-xxxviii.

MYERS, Jorge. Las formas complejas del poder: la problemática del caudillismo a la luz del régimen rosista. In: GOLDMAN, Noemí; SALVATORE, Ricardo (Org.). *Caudillismos rioplatenses: nuevas miradas a un viejo problema*. Buenos Aires: Eudeba, 1998, p. 83-100.

SALVATORE, Ricardo. Fiestas federales: representaciones de la república en el Buenos Aires rosista. *En Entrepasados*. Ano VI, n. 11, fines de 1996, p. 45-68.

SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo*. Buenos Aires, 1979.

SCOTT, James. Patronazgo, o explotación? In: GELLNER, Ernest et al. *Patronos y Clientes en las sociedades mediterrâneas*. Barcelona: Jucar Universidad, 1986.

VARGAS, Jonas. As duas faces do coronel Valença: família, poder local e mediação política em Santa Maria (1850-1870). In: WEBER, Beatriz; RIBEIRO, José Iran (Org.). *Nova História de Santa Maria: contribuições recentes*. Santa Maria: Câmara Municipal de Santa Maria, 2010, p. 287-320.

WOLF, Eric. Aspectos das relações de grupos em uma sociedade complexa: México. In: FELDMAN-BIANCO, Bela; RIBEIRO, Gustavo Lins (Orgs.). *Antropologia e poder: contribuições de Eric R. Wolf*. Brasília: Ed. da UnB; São Paulo: Ed. Unicamp, 2003, p. 73-91.